

## **O JOGAR FENOMENOLÓGICO DA SELEÇÃO BRASILEIRA NA COPA DO MUNDO DE 1982: UMA DESCRIÇÃO DOS JOGOS A PARTIR DA FENOMENOLOGIA**

Gabriel Orenge Sandoval<sup>1</sup>

Alcides José Scaglia<sup>2</sup>

**Resumo:** A Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1982 é cotidianamente comentada tanto positivamente (pela estética de seu jogo) quanto negativamente (por ter sido derrotada precocemente na competição). Diante de tamanha relevância, o presente estudo se comprometeu em realizar uma descrição fenomenológica dos jogos que o Brasil disputou nessa competição. Assim, o objetivo foi pontuar as questões que surgiram ao pesquisador ao passo em que se assistia aos jogos. Percebemos, nesse processo, as diferenças quanto ao futebol contemporâneo escancarada em uma organização menos metódica das equipes e um protagonismo maior dos jogadores. Discutimos, também, como a reverberação do jogo da eliminação (contra Itália) está associado a uma visão racista sobre aquela seleção, o que, consciente ou inconscientemente, influencia na maneira com que lidamos com diversas questões no futebol brasileiro contemporâneo.

**Palavras chaves:** Futebol; Jogo; Seleção Brasileira; Copa do Mundo de 1982; Fenomenologia

### **The Phenomenological Play of The Brazilian National Team in the 1982 World Cup: A Description of The Games Based on Phenomenology**

**Abstract:** The Brazilian national team in the 1982 World Cup is commented on daily, both positively (due to the aesthetics of its game) and negatively (due to its early defeat in the competition). Given its relevance, this study undertook a phenomenological description of the games that Brazil played in this competition. Thus, the objective was to highlight the questions that arose for the researcher while watching the games. In this process, we noticed the differences in relation to contemporary football, evident in a less methodical organization of the teams and a greater protagonism of the players. We also discussed how the reverberation of the elimination game (against Italy) is associated with a racist view of that team, which, consciously or unconsciously, influences the way we deal with several issues in contemporary Brazilian football.

**Keywords:** Football; Game; Brazilian National Team; 1982 World Cup; Phenomenology

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Campinas. Email: g216386@dac.unicamp.br

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Campinas. Email: scaglia@unicamp.br

## **Introdução**

“Aprendi a amar o futebol desde muito cedo. Jogava muito futebol sozinho, ou com o Sócrates, com o Zico..., certa vez joguei uma copa do mundo, foi em 1982, sendo titular do gol da seleção brasileira no lugar do Waldir Peres” (SCAGLIA, 2021, p. 173). Não é incomum ouvirmos relatos como esses acompanhados de exaltosos elogios à Seleção Brasileira da Copa do Mundo de 1982. Seja em conversas informais ou em programas esportivos a oportunidade de falar sobre aquele time é raramente desperdiçada, mesmo com o insucesso na competição. Quem teve o privilégio de acompanhar essa equipe, entre 14 de junho e 5 de junho, na Espanha, não titubeia em contar alguma história daquelas exibições.

Apesar disso, poucos materiais que definitivamente reflitam sobre aquele time estão à disposição na literatura. É bem verdade que há livros que tratem do tema como a tradução da obra de Piero Trellini (2022) sobre o jogo derradeiro entre Brasil e Itália e a obra de Unzelte e Carvalho (2022), não somente descrição do contexto histórico e social que permeavam a competição assim como um resumo sobre todos os jogos, porém no que tange a literatura, apesar de se encontrar estudos sobre a mídia naquele período (LISE; CAPRARO; CAVICHIOLLI, 2017), reflexões sobre a maneira de jogar daquela equipe são pouco feitas.

De tal maneira, o objetivo em escrever esse texto se legitima no anseio de se abrir à possibilidade de acompanhar a Seleção Brasileira de futebol masculina em uma competição acontecida há mais de 40 anos, buscando, através de uma descrição fenomenológica, apresentar os elementos que surgiram, na situacionalidade do pesquisador, no momento em que se assistia aos jogos. Assim sendo, serão apresentadas, separadamente, cada uma das partidas e realçados os aspectos que mais foram destacáveis na experiência de acompanhar os 90 minutos de cada uma das 5 exibições daquele time em território espanhol.

## **Método**

A fenomenologia surge da “crise das ciências”. Em tal cenário, o matemático Husserl encontrou na fenomenologia um meio de se realizar a mais eficaz das práticas científicas. Segundo ele, colocando entre parênteses os

conceitos previamente concebidos sobre o mundo no momento de se adentrar o fenômeno, haveria a possibilidade de se ter um conhecimento universal na medida em que anseia a ciência (MOURA, 2022). Heidegger (2012a), entretanto, depois de ser aluno de Husserl, passa a articular a fenomenologia e a hermenêutica em sua construção teórica. De tal forma, toda fenomenologia é sempre hermenêutica por não ser limpa na medida em que Husserl imaginava, mas preenchida das questões, inevitavelmente, de quem a protagoniza, uma vez que é ontológica por essência.

Dessa forma, ancorado em tal perspectiva, Marandola Jr (2021) diz que a contribuição heideggeriana para a ciência é a de torná-la existencial. Perceber que é na experiência vivida de quem pesquisa que a ciência deve se alocar é uma das contribuições de Heidegger para repensar a prática científica. O olhar fenomenológico, assim, para a constituição de uma ciência existencial deve partir de uma noção de doação e não de anseio por uma descoberta, por isso, não busca controlar aquilo que acontece, mas integrar-se ao fenômeno e nele se situar, entendendo que para pensar é necessário, antes, sentir, por isso o primeiro lema: *deixar-se mostrar*. De tal maneira, mergulhando no fenômeno, a relação de mistura entre pesquisador e pesquisa se direciona a não ter objetivos prévios, mas manifestar nele mesmo, por isso *a espera como serenidade* como segundo lema. Assim, distante da linearidade da pesquisa, busca-se descobrir a pesquisa enquanto a faz, desvinculado de uma certeza, dessa forma são os *caminhos de floresta* em sua imprevisibilidade que dão o tom do texto (MARANDOLA JR, 2021).

De tal forma, quando nos comprometemos, nesta perspectiva, em realizar uma descrição fenomenológica estamos nos aspectos ontológicos que orientou Heidegger (2012a), ao mesmo tempo em que operamos na perspectiva experiencial e existencial que fomentou Marandola Jr (2021), uma vez que é na mundanidade de quem pesquisa, ou seja, na articulação entre Ser e ente e não na definição prévia do que vai se ver, mas no desvelar do fenômeno que estamos situados (MARANDOLA JR, 2024). Assim, em nosso caso, buscou-se assistir a todas as partidas da Copa do Mundo de 1982 da Seleção Brasileira (no site [footballia.net](https://footballia.net)<sup>3</sup>), deixando-se levar por tudo aquilo que o jogo poderia

---

<sup>3</sup> Brasil x União Soviética: <https://footballia.net/pt/jogos-completos/brazil-soviet-union>  
Brasil x Escócia: <https://footballia.net/pt/jogos-completos/brazil-scotland>

fomentar.

Munido de uma caderno que possibilitou a anotação de todos os acontecimentos marcantes, foram escritas as jogadas mais significativas com o minuto correspondente para que fosse possível retomar, se necessário. Com isso feito, o processo posterior foi o de escrita: as anotações e o jogos foram panos de fundo para uma escrita que buscasse associar aquilo que mais marcou em cada jogo com associações que foram feitas com autores que pensam questões diretas àquilo que foi anotado. De tal forma, o processo se pautou em uma dupla circunstancialidade: a do relato de assistir ao jogo e a de escrita das experiências relatadas (MARANDOLA JR, 2024). Com isso, a discussão é separada nas cinco partidas disputadas pela Seleção Brasileira na competição.

### **Brasil x União Soviética: a vitória na estreia e o assombro com o futebol contemporâneo**

Indiscutivelmente, jogar futebol nos anos 1980 é diferente de praticar o mesmo esporte nos dias atuais. O que mais me salta aos olhos são as diferentes maneiras em se lidar com as situações que o jogo oferta. Quando iniciamos a Copa tomando o gol da União Soviética e o desespero pairou o Brasil, marcávamos atrás da linha da bola, com os quatro defensores e Falcão. Em decorrência disso, Junior, o lateral esquerdo, compensou a marcação deslocando-se para o meio, visto que em seu setor não havia ninguém e no meio sobrava um jogador adversário. Em quais jogos, atualmente, encontramos situações semelhantes? Depois de empatarmos com um gol digno da classe de Sócrates, quando que veríamos um ponta-esquerda, por dentro depois de um corta-luz do volante da equipe, virar o jogo? Não vislumbro dizer, que todas as equipes jogavam sob a mesma regência. Paulo Isidoro, por exemplo, mostrando um outro olhar, ao ficar, surpreendentemente, no banco durante este jogo – já que havia jogado grande parte do ciclo –, ressaltou a falta que seus desarmes faziam nesta equipe (HORNE, 2014). Telê, provavelmente, pensou na experiência: pois Dirceu na ponta direita, pelo fato dele já ter disputado uma Copa do Mundo (RIBEIRO, 2011). Episódios como esses não anulam o fato da Seleção ter aceitado os riscos

---

Brasil x Nova Zelândia: <https://footballia.net/pt/jogos-completos/brazil-new-zealand>

Brasil x Argentina: <https://footballia.net/pt/jogos-completos/argentina-brazil-world-cup-1982>

Brasil x Itália: <https://footballia.net/pt/jogos-completos/italy-brazil>

que todo o jogo oferece. As movimentações dos jogadores pareciam colocar em prática aquilo que Freire (2002) acentua: a palavra jogar está associada a jogar as coisas para cima, não as controlar.

O mundo contemporâneo, em oposição, prefere o controle de tudo na mão do que o descontrole das coisas para o alto. Byung-Chul Han, filósofo sul-coreano radicado na Alemanha, quando escreve *Sociedade do Cansaço* estabelece a lógica do desempenho como um dos motivos para isso. Não nos desligamos, estamos sempre em alerta e exercendo aquilo que deve ser feito para não perder de vista os valores que são mais valorizados nos dias atuais. Desse modo, “não é o excesso de responsabilidade e iniciativa, mas o imperativo do desempenho como um novo *mandato* da sociedade pós-moderna do trabalho” (HAN, 2017a, p. 27).

Nessa direção, hoje temos casos de jogadores-de-desempenho, aqueles que jogam desempenhando uma função previamente definida, escancarada pelos dados antes mesmo da partida começar. Em Sandoval, Godoy e Scaglia (2023) encontram-se exemplos de falas de jogadores que demonstram um receio das dificuldades que podem emergir no jogo, assegurando-se no desempenho que os treinadores fomentam antes do jogo. Tal preocupação está diretamente associada ao que Han (2017b) chama de *mero viver*: uma disposição ao mundo que prega pelo óbvio, por um simples sobreviver, refugiando-se do erro. Por isso, denominamos uma grande parte do futebol contemporâneo como o *mero jogar*, já que não está aberto às imprevisibilidades do jogo nem ao que pode gerar encantamento e satisfação, uma vez que não considera que o jogo tem tal poder. O esporte, nessa lógica, é local de seriedade e resultado, portanto, deve-se seguir o *script* já anunciado.

Assim, o jogo se torna transparente. Tudo que está dentro dele é realizado, segue o dado, e isso faz com que o imprevisto não tenha espaço. Dessa forma, tudo é liso e transparente, não há dúvida pairando sob a cabeça de quem joga e assiste, porque tudo é óbvio (HAN, 2017c). Portanto, para Han (2017b, p. 42), quem está imerso nessa condição “não joga, mas trabalha com conceitos claros e unívocos” (HAN, 2017c, p. 42). Por conseguinte, se antes o futebol da Seleção de 82 encantou a todos em decorrência de sua beleza, muito do futebol

contemporâneo se aloca no sublime dentro da estética kantiana<sup>4</sup>. Ao passo que a transparência é ao que se direciona, as equipes são sublimes, pois “*é sublime aquilo em relação ao qual todo o resto é comparativamente pequeno*”, provando uma “faculdade da mente que ultrapassa qualquer medida dos sentidos” (KANT, 2016, p. 146, grifo do autor). O futebol de hoje não é sentido, mas desempenhado através de ações que estão acobertadas por um modelo de jogo que torna aquela pessoa que joga irrisoriamente pequena dentro de todo o arcabouço do sistema de jogo, algo que gera somente a satisfação em quem joga e assiste, distanciando-se do prazer e do gozo de se jogar em abertura perene ao jogo.

Por isso, há léguas de distância da percepção ao jogo, o que o torna desprendido de sua realidade. Enquanto Junior observava que não tinha jogador em seu setor e, sabendo que necessitaria defender, abordou o adversário que estava no meio do campo a fim de tentar recuperar a bola, o jogador-de-desempenho, por outro lado, não quebraria a linha defensiva. Sua missão é manter a ordem, a estrutura planejada, mas não deveria ser, antes disso, jogar o jogo que acontece? Resolver os problemas que emergem? O que me incomoda é que o futebol atual tem seu planejamento levado às últimas consequências, fazendo com que ele seja pensado em uma realidade mais real do que ele próprio pode ser. O jogo, como diz Scaglia et al. (2015), é local de representação, desequilíbrio, desafio e imprevisibilidade, ou seja, aprendizado na medida em que não é previsível, em que é desafiador e local de deposição das subjetividades de quem joga. Pensar o jogo como manifestação do desempenho entendido como o mais eficaz é desconsiderar o jogo como jogo, é levá-lo a uma condição de simulacro como diz Baudrillard (1991), na medida em que os jogadores não jogam na realidade do jogo, mas na realidade dos dados, do que anteriormente foi concebido (SANDOVAL; SCAGLIA, 2023).

Com isso, nos direcionamos a afirmar que o futebol jogado por diversas equipes nos dias atuais é, para continuar com um termo de Baudrillard (1991), hiper-real. Segundo ele, a condição de simulacro do mundo contemporâneo se deve ao fato de buscarmos construir um mundo em que haja uma realidade mais

---

<sup>4</sup> Kant é considerado um dos maiores filósofos de sua geração. Além de estética, tratou de metafísica, ética e epistemologia. A estética para ele, entretanto, está associada a um encontro entre subjetividade de quem vê e a objetividade do que enxerga: a beleza funda-se nessa dimensão. Porém, quando tratamos do sublime nos encontramos em outro polo da estética, aquele que paralisa as sensações de quem observa e, dessa forma, não permite um julgamento do que acontece.

real do que a própria realidade pode conceber. Para ele, o movimento é de trazer signos de uma realidade, mas que descontextualizadas, não se legitimam, ou seja, forjam uma realidade que não existe<sup>5</sup>. Algo que se relaciona diretamente ao futebol atual: é jogado por informações já dadas antes do jogo existir, iniciar, arrebatando quem joga. Assim, não está calcado na realidade dos afetos de quem joga, mas de decisões fomentadas por alguém distante do estado de jogo, mas que, logicamente, preza por uma organização metódica dos jogadores em campo (SANDOVAL; SCAGLIA, 2023).

### **Brasil x Escócia: a primeira grande exibição**

Em seguimento, quando vejo, no segundo jogo da Copa, a ponta direita sem um jogador fixo, quase enlouqueço. Para além do golaço de falta feito por Zico, do gol da virada que Oscar fez de cabeça, da estupenda cobertura de Éder ou da precisão do chute de Falcão que sacramentou os 4 a 1 sobre a Escócia, o fato de não haver um jogador responsável por ocupar aquele setor foi interessantíssimo para alguém do nosso tempo. Zico ou Sócrates são quem mais caíram naquele setor e até houve um certo desencontro no primeiro tempo para criar jogadas, pois Zico diz que reclamou da solidão na direita e Telê ordenou a passagem de todos os meiocampistas naquele espaço (ASSAF; GARCIA, 2003). Quando foi mais bem delimitado durante o intervalo, o caos se anunciou mais bem resolvido. Falcão, Cerezo e Leandro passaram a passear pela região direita do ataque. Além disso, Zico se encontrou na direita, Sócrates por dentro e diversas outras possibilidades emergiram durante jogo. Ações como essa nos permitem afirmar que, em contraposição ao conceito de Han (2017b), eles são jogadores intransparentes. Criador desse termo, Santana (2023) diz que é fundamental que os jogadores sejam intransparentes, que dissimulem, cadenciem, criem o mistério do jogo, pois somente assim impactarão a organização deste ambiente.

A distância da lógica do desempenho nos permite pensar, como consequência, o fato de Telê Santana não aplicar o poder smart, como diz Han (2017d). Segundo o filósofo coreano, atualmente, nada é ordenado, mas sim

---

<sup>5</sup> Tenho a tendência a dar o exemplo de um lanche vendido em restaurantes: a fotografia é uma ficção, uma realidade que não existe, até porque em diversos momentos não é feito de alface, pão e hambúrguer, mas de materiais que simulam esses alimentos e deixam a foto com um tom muito mais atraente do que se fosse feita dos produtos reais.

seduzido, convencido. O poder não é imputado sobre o outro, pelo contrário, é induzido através de mecanismos que levam o outro a agir da maneira desejada. Os dados, as imagens, os vídeos são utilizados, nesse caso, como ferramentas para demonstrar os pontos fortes e fracos da própria equipe e dos oponentes, indicando as melhores ações a serem realizadas durante o jogo. Há, hoje em dia, um setor responsável somente para isso no futebol: a área de análise de desempenho (CORREIA; SILVA; SCAGLIA, 2021; SHAMAH et al., 2023). Munidos de todas as informações, não há necessidade de obrigar alguém a ficar na ponta direita, os dados explicam, nos mínimos detalhes, a necessidade para tal: o desempenho e a transparência são fundados a partir desta refinada maneira de poder, em que o sujeito se automotiva para agir de determinada forma.

No regime neoliberal, também o poder toma uma forma positiva. Ele se torna smart. Em oposição ao poder disciplinar repressivo, o poder smart não provoca dor. O poder é inteiramente desacoplado da dor. Ele se exerce sem qualquer repressão. A submissão se realiza com autotimização e autorrealização. O poder smart opera sedutiva e permissivamente. Uma vez que ele se faz passar por liberdade, ele é mais invisível do que o poder disciplinar repressivo. Também a vigilância adquire uma forma smart. Somos permanentemente requeridos a comunicar nossas carências, desejos e preferências e a narrar a nossa vida. Comunicação total e vigilância total, exposição pornográfica e vigilância panóptica coincidem. Liberdade e vigilância se tornam indistinguíveis (HAN, 2021).

Telê não estava ancorado nessa lógica. No período que era treinador, como fomenta Florenzano (1998) a partir de Foucault (2014), o poder estava centralizado no corpo, por meio da ordem, da disciplina que o treinador fomentava ao jogador. Utiliza como exemplo a impossibilidade de Afonsinho treinar no Botafogo em decorrência de seu corte de cabelo. Isso se estende, pensando dentro do futebol especificamente, à preparação física, afinal o corpo segue sendo o alvo. Se hoje, a análise de desempenho rege a maneira de se jogar a partir das determinações táticas, nas décadas de 70, 80 e 90 a preparação física era o imperativo para se jogar bem, já que o objetivo era preparar o jogador para conseguir correr – quanto mais, melhor – os 90 minutos do jogo. De tal forma, o conteúdo de seus movimentos não eram a prioridade, apesar das estratégias serem fundamentais dentro das equipes, havia uma possibilidade mais real dos jogadores serem os responsáveis pelas ações realizadas durante os jogos (FLORENZANO 1998).

Lembro-me, instantaneamente, de Telê, ancorado em tal perspectiva, agiu de maneira semelhante antes da Copa do Mundo de 1986 no México, quando cortou Leandro e Renato Gaúcho após chegarem depois do horário combinado para a concentração (SOLLITTO, 2013). O controle e exigência da pontualidade estão ancorados no mesmo paradigma que não permite o corte de cabelo desejado e que fomenta o domínio completo sobre o corpo de quem joga. Porém, paradoxalmente, diferenciando tecnicamente e não do ponto de vista epistêmico, tal monitoramento não se encontra na ocupação dos espaços do jogo como nos dias atuais. Telê, no momento em que o jogo começava, parecia entender que ali era momento de os protagonistas jogarem; o controle se dava antes desse lugar para eles chegarem bem a esse momento.

Aprecio destacadamente, nessa direção, a dualidade entre narrativa e informação que Byung-Chul Han coloca. Para ele, ancorado em Walter Benjamin<sup>6</sup>, a informação não tem aura, mistério, dúvida ou incerteza, dado que ela é o que é. Ou seja, hoje em dia, estamos atualizados de todos os acontecimentos que circundam o mundo, porém, estamos também desorientados. A narração, por outro lado, é dotada de aura construtora de histórias e, assim, capaz de orientar e situar no mundo quem a experiencia. Em uma época em que somos massificados de informações, inevitavelmente, somos induzidos a enxergar tudo que nos rodeia a partir de tal lógica, fazendo com que, como disse Han (2023, p. 27): “*A própria realidade passa a ser moldada por informações e dados*”. O futebol atual, a partir de alta quantidade de estudos que, por exemplo, abordam as tomadas de decisões que devem ser realizadas durante o jogo, o enxergam como sucessões de informações que o jogador deve apreender para jogar melhor (SANDOVAL; GODOY; SCAGLIA, 2023). A Seleção de 82, por outro lado, jogava o jogo como uma narração. Toda jogada era uma história contada com participantes e desfechos completamente imprevisível. Telê respeitava o jogo e deixava a história ser contada pelos protagonistas.

---

<sup>6</sup> Walter Benjamin foi um filósofo alemão do século XX. Foi uma importante figura nas discussões acerca do nazismo.

### **Brasil x Nova Zelândia: a consolidação da narrativa**

Assistir ao jogo contra Nova Zelândia foi presenciar essa narrativa levada às últimas consequências. O Brasil já classificado para a segunda fase, entrava sem muita pressão para vencer. O time, inclusive, demorou para engrenar. Jogando bastante pelo lado direito, com um maior protagonismo de Cerezo, Sócrates e Leandro, os dois primeiros gols tiveram origem naquela região, ou melhor, no cruzamento para Zico, no meio da área, que fez um gol de voleio, outro de primeira e quase outro de bicicleta. Mas o que me arrebatou ao assistir a peleja foi o fato de todo lance ser uma narração, conter uma história. Os acontecimentos não se davam de maneira linear: uma hora Leandro estava na esquerda e Júnior na direita; Falcão, de repente, estava dentro da área, Éder estava na ponta direita; Luizinho finalizando, Zico, entre os zagueiros. O terceiro gol, nessa linha, foi único: Sócrates e Zico se encontraram por dentro para acharem Falcão, pela direita, sozinho, fazer mais um seu nesta Copa.

Estas ações estão diretamente associadas ao risco. Lidar com o erro parecia ser algo mais natural do que nos dias atuais. Algo que observo, nesse sentido, é uma precisão menor nos passes, finalizações e cruzamentos em relação aos grandes jogadores de hoje em dia. Pode ser somente uma percepção minha, mas me parece ter embasamento quando recorro à Byung-Chul Han novamente. Na órbita do desempenho, da transparência e das informações, todos os jogadores estão dispostos em campo de maneira hiper organizada, isso faz com que encontrá-los seja muito mais fácil, pois é, também, mais previsível. Devo somar a isso, as questões pedagógicas que, ao longo do tempo, seguem associadas ao tecnicismo, ou seja, ao ensino do jogo que se pauta no ensino da técnica descontextualizado do jogo, promovendo uma especialização aos fundamentos em sobreposição ao jogo (GALATTI *et al.*, 2014; GHIDETTI, 2020).

Essa hiperorganização decorre, desconfio, daquilo que Han (2021) chama de refúgio da dor. Para ele, vivemos em um mundo que busca incessantemente se distanciar do que pode provocar dor, angústia ou dúvidas. As informações que municiam os jogadores para chegarem antenados ao jogo tem estreita relação com isso: colocam todos em pé de igualdade, não tem chance de se perderem em campo, reduzindo sua maneira de jogar a somente materializar as ideias que já foram concebidas e que gerarão uma ordem capaz de se enxergar e mensurar o desempenho que cada um está tendo (SANDOVAL; GODOY;

SCAGLIA, 2023).

Hoje, não estamos dispostos a nos expor à dor. A dor, entretanto, é uma parteira do novo, uma parteira do inteiramente outro. A negatividade da dor interrompe o igual. Na sociedade de paliativa como inferno do igual, nenhuma fala da dor, nenhuma poética da dor é possível. Ela permite apenas a *prosa do bem-estar*, a saber, a escrita à luz do sol (HAN, 2021, p. 73)

Tal forma de se conceituar as diferenças deste futebol sugerem direcionar a discussão para a noção de que, ao saber de tais formas de se viver na contemporaneidade, se jogar o futebol na mesma época estará fortemente associada à lógica da tática. Garganta (1997) realiza uma recapitulação dos conceitos de tática disponíveis quando escreve sua tese de doutorado. Como conclusão desse retorno, percebe não só que se inicia uma discussão sobre tática na Europa no fim dos anos 1970 e início de 1980, como também é nítido como um racionalismo permeia a forma de se conceber as ações por esse viés. Assim, explica que a tática é originada do termo *tatiké* que significa a maneira de se ordenar as coisas. Por serem dois conceitos advindos da guerra, estratégia e tática, foram ressignificados, na tentativa de buscar aproximações com o jogo. Tal ressignificação promoveu o entendimento, para a literatura de maneira geral, de dois elementos essenciais: a tática é a materialização da estratégia definida e está associada à gestão do espaço de jogo, ou seja, agir taticamente é estar atrelado ao plano previamente concebido e, ordenando-se racionalmente no espaço, atualizá-lo de acordo com as demandas (TEOLDO; GUILHERME; GARGANTA, 2015).

Nada mais sintomático do que, a partir desta concepção, encontrar autores que tratem a tática, atualmente, simplesmente como ação de jogo, evocando em nós a sensação de que tudo que é feito durante o jogo se resume em gerir intelectualmente o espaço de jogo a partir das estratégias prévias (RIGON et al., 2022). Essa consideração me remete novamente à dualidade narração e informação, que Han estabelece. Jogar gerindo o espaço não é narrativa, é informativo. A maneira de jogar, nessa lógica, está ancorada nas informações predecessoras e, na mesma linha, considera o que acontece no jogo como informação que deve ser captada e interpretada para depois ser solucionada, afinal, como já citamos, “A *própria realidade passa a ser moldada por informações e dados*” (HAN, 2023, p. 27). Jogar de tal maneira não é estar em permeabilidade total ao jogo, mas se encontrar em uma dimensão mais próxima

da frivolidade do que do êxtase no estado de jogo, uma vez que gerir o espaço não evoca a possibilidade de se correr riscos enquanto jogo, de jogar como se estivesse jogando as coisas para o alto, como diz Freire (2002). Quando Schiller (SCHILLER, 1995) diz que só é homem pleno quando se joga, certamente ele não se referia à essa metódica maneira de se jogar futebol.

Tal forma de se considerar esse esporte pode estar diretamente atrelada ao anseio pelo controle de todas as ocasiões. A passagem da sociedade disciplinar para a que coloca em prática o poder smart não se diferencia na extinção pelo controle, mas pelos diferentes meios para chegar a ele (HAN, 2017d). A distância da dor é uma das marcas das novas formas de controle. “A dor é detida antes que ela possa colocar uma narrativa em movimento. Na sociedade paliativa, ela não é mais nenhum fluxo navegável, nenhum fluxo narrativo que leva o ser humano ao mar, mas sim um beco sem saída.” (HAN, 2021, p. 72). A tática levada às últimas consequências, distancia-se da narrativa na medida em que não vislumbra ‘correr o risco’, prefere o mais próximo da certeza possível, por isso, a gestão é, realmente o melhor termo para o que nos deparamos (SANDOVAL; GODOY; SCAGLIA, 2023).

A Seleção de 82, por outro lado, narrava. Contava uma história diferente a cada momento em que ia ao ataque. Aquilo que falta, segundo Han (2023b), no mundo contemporâneo, sobrava naquele time: a inatividade. Esquivando-se de pensar aquela seleção como anárquica, o time de 82 era inativo, lembrando que “inatividade não se opõe à atividade. Antes, a atividade se nutre da inatividade” (HAN, 2023b, p.37). Quando havia a movimentação sem um destino definido a priori, as soluções emanavam, aconteciam, ou melhor, os direcionamentos dados por Telê não fechavam as alternativas dentro do jogo. A falta do ponta direita era um convite às inúmeras possibilidades de ocupação de espaço, mas não somente isso, as trocas de posições ocorriam em qualquer lugar do campo. No futebol de hoje, entretanto, há diversos outros elementos que entram na discussão,

porque subjacente a cada posicionamento e deslocamento/movimentação há um processo complexo que envolve múltiplos aspectos da cognição do(s) jogador(es), dentre eles a percepção (central e periférica), o processamento da informação, a atenção/concentração, a memória (central e periférica) e o conhecimento (processual e declarativo), que subsidiam uma tomada de decisão mais criativa e/ou inteligente dos jogadores e da equipe para levar à resolução dos problemas que o jogo coloca (TEOLDO; GUILHERME; GARGANTA, 2015, p. 26).

É indubitável que, a partir dessa citação, a tática está ancorada em uma perspectiva cognitivista que entende uma dualidade entre corpo e mente, como se as ações dos jogadores fossem produtos de tomadas de decisão atreladas, exclusivamente, de questões cognitivas que são realizadas no cérebro (AQUINO; MENEZES, 2022; BETTEGA et al., 2021). A preocupação em 1982, no entanto, não estava ancorada nessas questões.

Telê não via o jogo por essa ótica. Seus treinamentos, apesar de estarem atrelados às questões técnicas que ele considerava importante, eram embasados em coletivos, momentos em que os jogadores poderiam jogar juntos para se conhecerem, e o desenvolvimento da equipe se daria aí (RIBEIRO, 2011). Desse jeito, o elemento fulcral para o bom desenvolvimento de suas equipes era o jogo. Telê se mostrava, acima de qualquer coisa, como alguém que se entregava e respeitava o jogo, deixando fecundar nele os aspectos importantes e refletindo na forma a qual os seus jogadores jogavam. Apesar de ser extremamente disciplinador fora de campo, dentro dele, o prazer, as relações interpessoais e o ambiente de jogo – em sobreposição ao ambiente de aprendizagem – são os responsáveis por fazer a equipe atuar de tal maneira.

### **Brasil x Argentina: a legitimação do domínio**

O objetivo aparentemente foi atingido, pois não foi somente com seleções de segundo escalão que jogávamos com tais movimentações. Quando, classificados, vamos disputar a segunda fase contra Argentina e Itália para o vencedor disputar a semifinal da Copa, a maneira de se jogar se mantém. No jogo contra a Argentina, o narrador do jogo que vi disse algo como: “Junior como lateral esquerdo teórico”, quer dizer, a escalação e a numeração davam conta de seu posicionamento como lateral esquerdo, porém aquilo que se via em campo colocava em xeque tal enquadramento.

Apesar da dificuldade natural da partida e com um início melhor do adversário, Zico, depois da falta muito bem batida por Éder, abriu o placar para nós. Por mais que desde cedo estivéssemos vencendo a partida, os jogadores não deixaram de se lançar ao ataque: Leandro continuou indo à linha de fundo, Junior trabalhou por dentro e Falcão e Cerezo se infiltraram na área adversária. Somado a isso, desde o início do jogo, não tínhamos um meia direita responsável a marcar

por aquele lado, por vezes os volantes subiam a marcação e os zagueiros eram obrigados a acompanhar os atacantes até o fim, fazendo falta diversas vezes para evitar danos maiores. Por isso, em dados momentos, havia a sensação de que a linha defensiva brasileira estava exposta ao ataque Argentino. Porém, imediatamente paro e reflito: exposta? Talvez “exposta” seja a palavra que esteja atrelada a uma sensação de quem vê no dia a dia o pensamento tático imperar no futebol, de notar jogadores apenas gerindo o espaço de jogo. Tal reflexão sobre a real exposição é pertinente, pois nem muitos ataques perigosos a Argentina teve, porém, somente de ver Cerezo entregando-se ao contra-ataque ou Luizinho tendo que seguir o atacante argentino, já me gerou preocupação – certamente, fruto da eliminação na Copa do Mundo de 2022 depois de tomarmos o empate ao não nos ‘protegermos devidamente’ no final da partida.

Tal forma de pensar, me faz lembrar do livro *No princípio, era a roda* de Roberto Moura, que diz que a roda antecede o samba. Não é à toa que Luiz Carlos da Vila<sup>7</sup> diz que a maior invenção da humanidade foi a roda, a segunda, a roda de samba. O lugar em que o sambista se sente mais confortável é sua casa. As músicas cantadas são de sua escolha, os participantes entram e saem quando querem, o improviso pode acontecer sem problemas, não há começo nem fim delimitado. Os jogadores, assim como os membros da roda, estão em ambiente familiar, utilizam a linguagem mais confortável, escolhem a mãe e o irmão, ou seja, ao que realmente tem valor.

Contudo, a roda também é lembrada pelo que acontece em campo. Júnior, depois de fazer o terceiro gol e sacramentar a vitória, sambou na comemoração. A passada gingada do lateral-esquerdo mostra o samba não só como manifestação da identidade brasileira, mas como consequência de uma seleção que girava a roda quando jogava. Se o comentarista espanhol disse que Júnior era um lateral esquerdo teórico, o gol do rapaz, o terceiro do Brasil, escancara o motivo: toca para Zico e infiltra por dentro, como se fosse um meia, para receber nas costas da defesa, como um atacante, e assim fazer o gol. O termo “roda” não era utilizado apenas porque os sambistas ficavam em roda, mas porque havia a rotatividade de quem tocava e cantava. Os jogadores, no ritmo de um samba, rodavam em campo da mesma maneira que o tocador de tantã passa

---

<sup>7</sup> Luiz Carlos da Vila foi um importante sambista, compositor e cantor. Compôs, entre suas obras, *O show tem que continuar* e *Kizomba, a Festa da Raça*.

a tocar pandeiro. Por isso surge o questionamento: como não sambar depois do gol, se o jogador já está girando na roda-jogo?

No documentário *Futebol Arte*, Júnior conta que teve que explicar por que sambou na comemoração. Segundo ele, no êxtase de ter feito um gol em um Mundial, ouvia a torcida tocando música e a primeira reação foi – como outra? – sambar. O estranhamento anuncia uma situação: o que alguém que não é brasileiro pode entender sobre sambar? Fanon (2020) busca entender questões relativas a essa a partir da ideia de narcisismo que colhe da psicanálise freudiana. Para ele, o racismo é forjado na relação desigual entre negros e brancos. O conceito de homem branco e de homem negro foi criado pelo branco que colonizou os países do sul africano e elevou excessivamente o tráfico de pessoas negras para serem escravizadas. Como consequência, ao ser responsável por esses enquadramentos, o homem branco é responsável pela criação de “um mundo onde a brancura é a medida da liberdade, da humanidade e da universalidade” (FAUSTINO, 2022, p. 78), ou seja, é a partir de sua cultura que se qualifica o alheio. Posto isso, sambar na comemoração de um gol, a partir da perspectiva da branquitude, não pode ser concebido como algo positivo, mas sim como uma provocação, já que as gramáticas corporais colocadas não são apreendidas.

Algo que, até mesmo nos dias atuais, segue sendo debatido. Os casos de racismos que Vinicius Júnior vem sofrendo na Espanha nos últimos anos estão diretamente associados às suas comemorações que são marcadas pelo sambar do jogador. Muito mais grave que os problemas que Junior teve, Vinicius tem de lidar periodicamente com xingamentos da arquibancada justamente por gramáticas corporais que são interpretadas erroneamente pelos europeus.

A bravura e coragem de Vinicius são essenciais para o racismo ser combatido. Suas ações escancaram como ele não se deixará vencer por aquilo que Fanon (2020) chama de duplo narcísico. Segundo ele, pelos colonizadores qualificarem e definirem as qualidades daquilo que acontece no mundo, o desejo dos colonizados podem ser dois: se assemelhar ao branco para que esqueçam minha cor de pele ou darei conta dela, assumindo justamente o teor negativa que ela é subjetivada pela sociedade. A luta contra o racismo de Vini é a afirmação de sua cor de pele, mas, ao mesmo tempo, da maldade, da vilanização que ela é enquadrada. O brigar com a torcida, com o juiz e com os adversários é a necessária luta contra o preconceito, temperada pela assunção de que, com a cor

que tem, a única via é a da agressividade para combatê-la.

### **Brasil x Itália: a vaga para a memória mundial**

No futebol brasileiro atual, entretanto, o anseio se aproxima ao contratarmos diversos treinadores estrangeiros, sem um desempenho que justifique tamanho impacto, desconfiamos que esse anseio se associe aos valores eurocêntricos tidos como mais belo, inteligente e eficaz (GONÇALVES et al., 2023). Tal desejo, todavia, parece ter no resultado do jogo contra a Itália um importante estímulo para este discurso se estabelecer, vide os comentários de autores europeus sobre este importante jogo.

O Brasil rejeita a tática, evita as complicações, escolhe a linearidade em nome do espetáculo. Favorece a representação, o número pessoal. Escolhe, por consequência, uma velocidade moderada do jogo, que dá tempo para os refinamentos técnicos. Tudo deve ser suave. O toque, o jogo, o gol. As jogadas devem ser instintivas, porque só a improvisação, se você é um artista, cria o espetáculo. É um jogo em que, às vezes, as habilidades individuais ofuscam as coletivas. Culpa da história. Os primeiros jogadores do Brasil aprenderam futebol em jogos recreativos. Longe dos colonizadores ocidentais. Então, quando passam a enfrentá-los, por medo da retaliação, evitavam qualquer tipo de contato físico. Para isso, recorriam ao drible. O que era fácil, já que dançavam o samba. Surpresa, vivacidade e espontaneidade eram qualidades já presentes em seu espírito mais autêntico (TRELLINI, 2022, p. 276)

Diante do exposto, é sugestivo que, ao passo que Telê desamarra alguns nós do futebol moderno, as visões racistas afloram. Considerar nossas ações instintivas é considerá-las, em alguma medida, primitivas, ou seja, anteriores a um pensamento mais elaborado, longe da racionalidade. Rejeitar a tática não significa, como elaboramos, jogar sem gerir intelectualmente o espaço, mas, para eles, jogar sem responsabilidade, como se as movimentações em campo fossem desatreladas às necessidades do jogo, a favor de uma estética particular, de uma beleza alienada e irresponsável em relação à vitória (GONÇALVES; SANDOVAL; SCAGLIA, 2024). A fala de Trellini (2022), ao buscar uma compreensão acerca do futebol brasileiro, é construída unicamente a partir da concepção que o branco europeu consolidou. Por isso, essa capacidade ilusória de compreender o futebol brasileiro a partir da visão de quem pouco entende de todas as questões que envolvem este país, deixa-me estarecido.

Consequentemente, me surpreendo com o reducionismo acerca da

complexidade que fundamenta a formação dos jogadores brasileiros. O drible, por exemplo, emerge simplesmente como um receio dos colonizadores. Tal fato indica que o medo dos europeus é tamanho ao passo em que se refugia dos contatos físicos com tanta veemência, que os dribles passam a desenvolver-se. Não há poética nem uma maneira diferente de se relacionar com o jogo, há somente o horror aos grandiosos poderios dos colonizadores. Não preciso dizer que a visão está totalmente deturpada, mas como sei que minha experiência não seria validada, mostro os números – algo que os colonizadores entendem como a mais refinada maneira de se concluir algo – do jogo entre Brasil e os poderosos europeus. O livro de Unzelte e Carvalho (2022) dá ao Brasil a maior posse de bola, menos faltas e cartões amarelos e, mesmo assim, o maior número de desarmes e mais do que o dobro de finalizações (19 contra 8). Nitidamente, não há a necessidade de se esconder dos colonizadores, visto que quem tomou as rédeas do jogo foram os brasileiros e os outros que se defenderam para classificar.

Nesta mesma linha de pensamento, encontramos outros estudos que vão na mesma direção. Wilson (2016), em seu livro *A pirâmide invertida*, considerada a bíblia do futebol, faz afirmações semelhantes as anteriores:

foi um jogo que se assentou sobre uma ruptura histórica e, diferentemente de 1970, o futebol acompanhou os vitoriosos - se não na forma, no estilo. Zico disse que foi "o dia em que o futebol morreu", mas concordar com isso seria enxergar tudo pela percepção particular de um brasileiro romântico. De fato, aquele foi o dia em que uma certa ingenuidade no futebol morreu; depois dele, deixou de ser possível simplesmente escolher os melhores jogadores e permitir que eles atuassem como quisessem; foi o dia em que o sistema venceu. Ainda havia lugar para grandes talentos ofensivos individuais, mas eles deveriam estar incorporados numa organização que os protegesse e lhes desse cobertura (WILSON, 2016, p. 280)

Para Wilson (2016), a maneira a qual os jogadores jogaram em 1982 era ingênua. A partir do ponto de vista do seu livro, que é considerado o de maior discussão acerca da tática no futebol, ele considera que a equipe formada por Zico, Falcão, Sócrates, Junior e tantos outros que encantaram àquela geração, era um simples amontoado de jogadores em campo, movimentando-se aleatoriamente até chegar ao gol. Sem nenhum pressuposto, dá a entender que Telê Santana não fazia nada que não ser somente um escolhedor dos 11 que iniciariam as partidas. Tal forma de conceber a situação nos induz a pensar, primeiramente, que não houve leitura alguma sobre aquele contexto. Nós

mesmos, páginas atrás, pontuamos questões pedagógicas, por mais que questionáveis, que marcavam uma ação do treinador. Após isso, mostra-se latente sua desatenta ou inexistente relação com os jogos que aquela Seleção jogou na Espanha. Como relatamos, há a presença de um ponta direita no primeiro jogo e sua inexistência posteriormente, resultando em um fomento de aglomerar jogadores naquele setor para as jogadas saírem. Além disso, o passe nas costas da defesa argentina, geradores de dois gols, foi algo combinado como diz Zico no documentário *Futebol Arte*, mas é nítido no momento em que se assiste ao jogo.

A epopeia foi fechada com a disposição tática das equipes no derradeiro jogo daquela Seleção. O Brasil jogou, segundo ele, em 4-2-2-2 ou 4-4-2, isto é, uma linha com quatro jogadores em frente ao goleiro, dois volantes, dois meias e dois atacantes. Somado a isso, coloca as setinhas das movimentações dos jogadores para exemplificar seus movimentos: Júnior e Leandro, segundo ele, movimentavam-se para frente. O ponta do lado esquerdo e sua inexistência do lado direito não está representado na imagem. As setas não dimensionam que Falcão e Cerezo infiltravam frequentemente na área; que Luizinho fez mais de uma arrancada na tentativa de fazer um gol que não saiu; sem falar do de Júnior, que movimentou-se muito mais como um meia do que em direção à linha de fundo, visto que era destro.

A lembrança de tais absurdos é aqui ressaltada, a fim de escancarar como a derrota para Itália, por 3 a 2, é muito maior do que uma eliminação em uma Copa do Mundo. É como se a cada gol que o Brasil fizesse, o adversário prontamente passasse a frente no placar. É como se toda a característica de jogadores brasileiros fosse subjugada sucessivamente. Acarretando na rejeição de todas as qualidades daquela equipe pelas leituras oficiais sobre a história tática do futebol, por mais que até hoje sigam no imaginário de quem a assistiu, como meu pai, que conta periodicamente da maneira encantadora de jogar de Leandro, por exemplo. O ponto de vista tático, ancorado em valores fundado em uma lógica branco-europeia que endeusa a racionalidade como o elemento mais refinado para agir, é capaz de explicar tudo que acontece dentro de um jogo, esquece de outras maneiras de conceber a vida que não estão assentadas na reflexão como gênese para uma inteligência.

Consequentemente, como diz Fanon (2020), há um racismo latente, a

nível epistêmico, na forma de menosprezar ou desprezar o sentir do jogo e que não está associado à régua definida no velho continente. Para além da cor de pele, o duplo narcisismo de Fanon se mostra como fruto de um racismo cultural, latente na medida em que os valores dos colonizados são vistos como inferiores, por isso, a desvalorização e o reducionismo da complexidade que permeavam os encontros sempre inéditos daqueles jogadores não devem ser vistos como “ingenuidade”, “número pessoal” ou “medo da retaliação dos colonizadores”, mas como uma forma de jogar pautada em outra forma de se relacionar com o jogo que não aquela ancorada na racionalidade.

Sendo assim, pensaria na possibilidade de que ocasiões como essas, somadas ao fato de termos sido derrotados em tal jogo, tenham forjado uma “neurose cultural do futebol”, para reutilizar um termo de Lélia Gonzalez (1984). Para ela, o racismo é sintoma de uma sociedade que busca no outro a afirmação de si. A racionalidade tática para jogar segue o mesmo trajeto: encontra na perspectiva eurocêntrica a legitimação de uma forma de jogar que não aquela vista como irresponsável e ineficaz.

Por conseguinte, o questionamento que se fez após a vitória da Copa do Mundo de 1994 mostra o *entrelugar*<sup>8</sup> do futebol brasileiro: vencer como 1994 ou perder como 1982?<sup>9</sup> Tal questionamento, seria algo como: vencer como eles ou perder como nós? O simples fato desta questão perdurar também é um sintoma da dualidade que está evidente, afinal, os brasileiros têm a capacidade de jogar futebol de uma maneira extremamente peculiar, mas seria ela a mais adequada?

Mas a seleção de 82 era uma equipe em que dava gosto jogar. De certa forma, havia ali o mesmo clima que tínhamos no Flamengo. O jogador bom espera sempre o máximo do companheiro e já dá o lance que vai exigir isso. O médio aguarda o outro agir e depois pensa o que vai fazer. Com isso, perde-se tempo. Num time afinado como aquele, todo mundo vai apurando os reflexos, a previsão e a antecipação de jogadas. E cada um passa a se superar, para corresponder ao crescimento do time, para ter sempre algo a mais para oferecer. Era isso o que estava acontecendo com aquela seleção - a gente tinha consciência de que era uma equipe muito forte (ZICO, 1996, p. 82).

---

<sup>8</sup> Homi Bhabha (1998) convoca o termo *entrelugar* para designar o desenvolvimento das culturas que foram colonizadas como produto de uma relação movediça entre a cultura vinda de fora e a que se encontrava anteriormente no país.

<sup>9</sup> Este é um questionamento famoso feito em programas esportivos televisivos. A questão que permeia tal fala mistura a estética com a eficácia. Para muitos, a Seleção de 1982 encantou o mundo, mas não ganhou; a de 1994 não jogou de maneira tão bonita, mas venceu.

Esta passagem do livro em que Zico conta sua trajetória na carreira de jogador com algum destaque para a Copa de 82, me faz lembrar do texto em que Heidegger diz que o habitar precede o construir. Para ele, “A essência de construir é deixar-habitar. A plenitude de essência é o edificar lugares mediante a articulação de seus espaços. Somente em sendo capazes de habitar é que podemos construir” (HEIDEGGER, 2012, p.139). A tal afinação que Zico relata entre os jogadores, realçando a previsão e antecipação de jogadas entre eles, mostra como o habitar, nessa equipe, precedia o construir. As movimentações não estavam dadas anteriormente, mas, sim, emergiam dos encontros. Ao passo que se habitava o jogo, construía-se as jogadas. Em decorrência dessa imprevisibilidade é que a beleza surgia. Havia um discernimento flagrante de que o acaso é sempre, como disse Albert Camus (2019), “acaso-rei”, ou seja, aquele que rege os acontecimentos; e viver, é respondê-los ou criá-los. Algo que tem a mesma origem na sensação que surge ao assistir ao jogo: o resultado adverso não implica em desespero aos jogadores, mas em uma tranquilidade em trocar passes até que as coisas aconteçam. Algo que me assustaram, pois esperava uma certa apreensão dos jogadores que se materializasse em passes errados, discussões e reclamações com o juiz -Infelizmente, no dia 5 de julho, elas não foram suficientes.

Pensemos, por um momento, numa casa camponesa típica da Floresta Negra, que um habitar camponês ainda sabia construir há duzentos anos atrás. O que edificou essa casa foi a insistência da capacidade de deixar terra e céu, divinos e mortais serem, com simplicidade, nas coisas. Essa capacidade situou a casa camponesa na encosta da montanha, protegida contra os ventos e contra o sol do meio-dia, entre as esteiras dos prados, na proximidade da fonte. Essa capacidade concedeu-lhe o telhado de madeira, o amplo vão, a inclinação íngreme das asas do telhado a fim de suportar o peso da neve e de proteger suficientemente os cômodos contra as longas tormentas das noites de inverno. Essa capacidade não esqueceu o oratório atrás da mesa comensal. Deu espaço aos lugares sagrados que são berço da criança e a "árvore dos mortos", expressão usada ali para designar o caixão do morto. Deu espaço aos vários quartos, prefigurando, assim, sob um mesmo teto, as várias idades de uma vida, no curso do tempo. Quem construiu a casa camponesa foi um trabalho das mãos surgido ele mesmo de um habitar que ainda faz uso de suas ferramentas e instrumentos como coisas. (HEIDEGGER, 2012, p. 139).

Os jogadores brasileiros se assemelham aos camponeses que Heidegger anunciou. Não havia o projeto da casa estabelecido. Foi na maneira poética de

habitar as redondezas que surgiu as soluções. Inclusive, soluções nem me parece o melhor termo. Soa como se fosse uma resposta às dificuldades. O telhado de madeira foi feito para suportar a neve, e ele não lida com ela como se essa fosse um problema, mas como parte presente daquele ambiente que não se refletiu para fazê-lo daquela forma, mas, habitando aquele espaço, é melhor que o telhado seja de tal maneira: vivendo em comunhão com a natureza.

Desta maneira, este retorno ao pensamento do camponês para propor uma outra maneira de habitar o mundo, parece fundado pelo anseio heideggeriano em não considerar a racionalidade como fundante para agir, mas as questões cotidianas estando atreladas a uma pré-compreensão sempre associada à relação com o mundo. Para ele, fenomenologia é sempre hermenêutica, uma vez que o sujeito traz suas vivências para lidar com o fenômeno que aparece, constituindo-a de maneira peculiar (MARANDOLA JR, 2021), o que induz muitos a dizerem que isso não é ciência. Não seria, assim, o modo de jogar destes jogadores fenomenológico em sua essência? Deixar os movimentos acontecerem a partir dos deslocamentos em campo para as jogadas ocorrerem é o que eles fazem e o que a fenomenologia heideggeriana assinala. Por isso, não é que a maneira de jogar não está ancorada em uma ciência moderna, mas, por outro lado, trata-se de uma ciência existencial, acoplada às experiências dos jogadores.

Lembro, nessa seara, de Surdi e Kunz (2009; 2010) falarem sobre a Teoria do Se-Movimentar Humano. Principalmente com o anseio de desmoronar o tecnicismo no ensino do esporte, buscamos, a partir de Merleau-Ponty, mostrar como o movimento humano está diretamente associado à subjetividade de cada um. Assim, o corpo é território fundamental na medida em que é dotado de inteligência e peculiaridade e não somente um lugar para ser moldado e responder às determinações do intelecto.

Dessa forma, quando Marandola Jr (2021) diz que o *deixar-se mostrar, a espera como serenidade e os caminhos de floresta* são as alternativas para uma ciência existencial, notamos aproximações com esse se-movimentar e a forma com que caracterizamos esta Seleção. A recusa por métodos prontos que garantirão resultados específicos, a falta de objetivos prontos que servirão como guia, a inexistência de uma estrutura que sugira um caminho linear para o processo e, o mais importante, a assunção de quem a realiza aproximam uma

ciência existencial com a forma de Zico e companhia jogarem a Copa do Mundo de 1982.

A Seleção de 1982, é bem verdade, não fez ciência, dado que jogou futebol, porém cumpriu todos os parâmetros de alguém que está atrelado à perspectiva existencial. Havia uma poética marcada em sua maneira de habitar o jogo. Esse habitar, todavia, não é poético apenas por não fugir da realidade, mas, mais do que isso, por viver “fantasticamente o real”, por estar em contato de maneira fidedigna com o que está ao redor. Aquele que jogou preferia *deixar-se mostrar* o jogo, sem a pretensão das previsões prontas, mas na certa habitação como pressuposição para o construir. Jogando no ritmo da *espera como serenidade*, cria os objetivos aos passo que sente o fenômeno atravessar, sabendo, assim, que não há linearidade no percurso, a imprevisibilidade dos *caminhos de floresta* obriga o mergulho nas incongruências. A Seleção de 1982, portanto, se aproxima de um jogar fenomenológico: sua potência é justamente essa.

### **Conclusão**

Assim, na medida em que a descrição fenomenológica tinha como objetivo explicitar os elementos que surgiram ao passo que os jogos da Seleção Brasileira no Copa do Mundo de 1982 eram assistidos, pode-se dizer que diversos elementos vieram à tona. No primeiro jogo, a percepção da diferença acerca do futebol que se vê sendo jogado nos dias atuais foi latente. O segundo jogo me fez pensar a maneira com que o poder estimulado pelos treinadores hoje, não aconteciam tempos atrás, na medida em que eram mais disciplinadores. Algo que deve ser realçado, entretanto, é o que o terceiro jogo levou às últimas consequências: as jogadas de nossos jogadores eram narrações de histórias que criavam de acordo com aquilo que o jogo os apresentava. De tal forma, o quarto jogo mostrou, no sambar de Junior na comemoração, como essa narração está atrelado à dinâmica da roda de samba. Para culminar, na derrota para Itália, em como tal resultado foi utilizado para construir uma narrativa racista acerca do futebol jogado pela Seleção naquele período.

Tal percepção da forma de jogar nos faz refletir sobre a maneira pela qual o futebol é pensado epistemologicamente e ensinado atualmente. A herança dessa equipe, nos parece, estabelece-se no imaginário coletivo como nostalgia de algo que não é possível de se consolidar no contemporâneo. Incitamos, dessa

maneira, a possibilidade de se olhar para aquilo que é feito dentro de campo por outros olhares, a partir de outra base teórica, capaz de assimilar distinto modo de ser no jogo - semelhante a essa Seleção.

## Referências

AQUINO, Rodrigo Leal de Queiroz Thomaz De; MENEZES, Rafael Pombo. Abordagens tradicionais e centradas no jogo para o ensino dos esportes coletivos de invasão. **Conexões**, [S. l.], v. 20, n. 00, 2022. DOI: 10.20396/conex.v20i00.8666344. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8666344>.

ASSAF, Roberto; GARCIA, Roger. **Zico: 50 anos de futebol**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2003.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. 1. ed. Lisboa: Relógio D'água, 1991.

BETTEGA, Otávio Baggiotto; MACHADO, João Cláudio; PASQUARELLI, Bruno Natale; AQUINO, Rodrigo; SCAGLIA, Alcides José. PEDAGOGIA DO ESPORTE: BASES EPISTEMOLÓGICAS E ARTICULAÇÕES PARA O ENSINO ESPORTIVO. **Revista Inclusiones**, [S. l.], v. 8, p. 185–213, 2021. Disponível em: <https://revistainclusiones.org/index.php/inclu/article/view/3008>.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CAMUS, Albert. **O mito de sísifo**. Rio de Janeiro: Record, 2019.

CORREIA, Vitor Augusto Paié; SILVA, Luis Felipe Nogueira; SCAGLIA, Alcides José. O analista de desempenho no brasil: panoramas e perspectivas no futebol profissional. **Revista Brasileira De Futsal E Futebol**, [S. l.], v. 13, n. 52, p. 158–171, 2021.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu, 2020.

FAUSTINO, Deivison Mendes. **Frantz Fanon e as encruzilhadas: Teoria, política e subjetividade**. São Paulo: Ubu, 2022.

FLORENZANO, José Paulo. **Afonsinho & Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro**. São Paulo: Musa Editora, 1998.

GONÇALVES, Rodrigo Baldi; SANDOVAL, Gabriel Orenge; CROCE, Lucas; SCAGLIA, Alcides José. DESEMPENHO DOS TREINADORES ESTRANGEIROS NA PRIMEIRA DIVISÃO DO CAMPEONATO BRASILEIRO DE FUTEBOL DE 2010 A 2022. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, [S. l.], v. 15, n. 63, 2023.

GONÇALVES, Rodrigo Baldi; SANDOVAL, Gabriel Orenge; SCAGLIA, Alcides José. RESENHA DO LIVRO - ANATOMIA DO SARRIÁ - BRASIL X ITÁLIA, 1982. **Esporte e Sociedade**, [S. l.], v. 17, n. 39, 2024.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje, Brasília, Anpocs**, [S. l.], p. 223–244, 1984.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017. a.

- HAN, Byung-Chul. **Agonia de Eros**. Petrópolis: Vozes, 2017. b.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Petrópolis: Vozes, 2017. c.
- HAN, Byung-Chul. **Topologia da violência**. Petrópolis: Vozes, 2017. d.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade Paliativa**. Petrópolis: Vozes, 2021.
- HAN, Byung-Chul. **A crise da narração**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023. a.
- HAN, Byung-Chul. **Vita contemplativa: ou sobre a inatividade**. Petrópolis, Rj: Vozes, 2023. b.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012. a.
- HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. *Em: Ensaios e Conferências*. Petrópolis: Vozes, 2012. b.
- FUTEBOL ARTE. Direção: Richard Horne. Brasil: Prime Video, 2014.
- KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade de julgar**. Petrópolis/Bragança Paulista: Vozes/Ed. São Francisco, 2016.
- LISE, Riqueldi Straub; CAPRARO, André Mendes; CAVICHIOILLI, Fernando Renato. A Copa do Mundo de 1982 e o “turbilhão de emoções” nas crônicas de Nelson Motta. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [S. l.], v. 39, n. 1, p. 10–16, 2017. DOI: 10.1016/j.rbce.2015.11.002.
- MARANDOLA JR, Eduardo. **Ensinar-aprender fenomenologia: trilhas de um pensar e de um fazer pela fenomenologia**. Teresina: Cancioneiro, 2024.
- MARANDOLA JR, Eduardo José. **Fenomenologia do ser-situado: crônicas de um verão tropical urbano**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.
- MOURA, Carlos Alberto Ribeiro. **Crítica da razão na fenomenologia**. São Paulo: Editora Unesp, 2022.
- RIGON, Thiago André; NOGUEIRA, Fábio Ferreira; ROSSI TALARICO, Larissa; DREZNER, Rene; NOVAES, Rafael Batista; DANTAS, Luiz Eduardo Pinto Bastos Tourinho. MODELO DE JOGO, ESTRATÉGIA DE JOGO, ESTILO DE JOGO E TÁTICA DE JOGO. **Corpoconsciência**, [S. l.], p. 216–235, 2022. DOI: 10.51283/rc.v26i2.14102.
- SANDOVAL, Gabriel Oregna; GODOY, Luis Bruno De; SCAGLIA, Alcides José. O JOGADOR-DE-DESEMPENHO JOGA O FUTEBOL-OBSCENO: O FUTEBOL NA SOCIEDADE DE BYUNG-CHUL HAN. **Revista Esporte e Sociedade**, [S. l.], v. 16, n. 38, p. 1–23, 2023.
- SANDOVAL, Gabriel Oregna; SCAGLIA, Alcides José. SIMULAÇÃO OU SIMULACRO: O FUTEBOL CONTEMPORÂNEO A PARTIR DA FOTOGRAFIA DE ANDREAS GURSKY. **VIS Revista do PPG em Artes Visuais**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 46–60, 2023.
- SANTANA, Wilton Carlos. A necessária intransparência do jogador de futebol. *Em: SOUZA JR, Osmar Moreira de; CARVALHO, Ricardo Souza de; PRADO, Denis (org.). Do futebol moderno aos futebolis transmodernos: a utopia da diversidade*

**revolucionária.** São Carlos: EdUFSCar, 2023.

SCAGLIA, Alcides José; REVERDITO, Riller Silva; SANTOS, Marcos Vinicius Russo Dos; GALATTI, Larissa Rafaela. O processo organizacional sistêmico, a pedagogia do jogo e a complexidade estrutural dos jogos esportivos coletivos: uma revisão conceitual. *Em*: GRECO, Pablo Juan; MORALES, Juan Carlos; PRAÇA, Gibson Moreira; CASTRO, Gustavo de Conti Teixeira; CASTRO, Henrique de Olivera (org.). **5º CONGRESSO INTERNACIONAL DE JOGOS DESPORTIVOS.** Belo Horizonte: EEEFTO/UFMG, 2015. p. 16–42.

SCHILLER, Friedrich. **A educação estética da humanidade numa série de cartas.** São Paulo: Iluminuras, 1995.

SHAMAH, Manoel Eduardo do Prado; PRAÇA, Gibson Moreira; MORAES, José Cicero; CARLET, Rodrigo; LEONARDI, Thiago José; VOSER, Rogério Da Cunha. O PAPEL PEDAGÓGICO DO ANALISTA DE DESEMPENHO DAS CATEGORIAS DE BASE DO FUTEBOL BRASILEIRO. **Movimento**, [S. l.], v. 29, n. 1, p. 1–18, 2023.

SOLLITTO, André. **Escapadas das Copas: Renato Gaúcho é cortado após balada em 1986.** 2013.

SURDI, Aguinaldo César; KUNZ, Elenor. A Fenomenologia como Fundamentação para o Movimento Humano Significativo. **Movimento**, [S. l.], 2009.

TEOLDO, Israel; GUILHERME, José; GARGANTA, Julio. **Para um futebol jogado com ideias: concepção, treinamento e avaliação do desempenho tático de jogadores e equipes.** Curitiba: Appris, 2015.

TRELLINI, Piero. **Anatomia de Sarriá - Brasil x Itália, 1982.** Campinas: Editora Grande Área, 2022.

UNZELTE, Celso; CARVALHO, Gustavo Longhi De. **82: uma copa para sempre.** São Paulo: Letras do Brasil Editora, 2022.

WILSON, Jhonathan. **A pirâmide invertida: a história da tática no futebol.** Campinas: Editora Grande Área, 2016.

ZICO. **Zico conta a sua história.** São Paulo: FTD, 1996.